

O BRINCAR NO COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Cláudia Xavier¹

Thamyres de Carvalho Vale²

Ana Márcia Luna Monteiro³

Resumo

O objetivo de nosso estudo foi compreender o brincar como uma estratégia de combate à violência na Educação Infantil. Para isso, utilizamos uma abordagem qualitativa, com realização de observações e entrevistas contribuindo para uma melhor compreensão da temática. Nesse sentido, buscamos, primeiramente, identificar as concepções das docentes sobre a violência, e quais estavam presentes na educação infantil. Concomitantemente, observamos o brincar no dia a dia das turmas, buscando analisar como compreendiam a relação entre o brincar e a violência na escola. Os resultados de nossa pesquisa mostraram que as docentes além de terem clareza sobre a importância do brincar para o desenvolvimento da criança, elucidaram que este pode ser um aliado no combate à violência, o que culminou na elaboração de um plano de ação, a ser desenvolvido pelas professoras no ano letivo de 2016.

Palavras-chave: Brincar; Violência; Educação Infantil.

Introdução

Mediante as experiências obtidas no decorrer do curso de Pedagogia, e visitas a uma unidade escolar da rede municipal de Recife, constatamos, a partir de observações e relatos da disciplina de PPP8- Estágio Supervisionado em Gestão Educacional, que a instituição apresentava altos índices de violências entre os estudantes, situação atual de muitas escolas da Região Metropolitana de nossa capital. Também foi registrada a inexistência de espaços para recreação e momentos de atividades lúdicas. Em nosso contexto social atual a temática da violência escolar vem sendo estudada e discutida, tanto pelos profissionais da educação, como também tem sido veementemente destacada pela mídia, sendo, portanto, um problema que atinge a todos que atuam na escola, direta ou indiretamente.

Entendemos que compreender os fatores gerenciadores da violência, na nossa sociedade contemporânea e nos ambientes escolares, é uma questão bastante desafiadora. De

¹ Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. E-mail: anaclaudia2519@hotmail.com

² Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. E-mail: thamy.penelope@gmail.com

³ Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e Orientação Educacional – DPOE – Centro de Educação/UFPE. E-mail: anamarcialuna@hotmail.com

acordo com MORAIS (1995), “a violência é algo muito complexo, pois pode apresentar-se de várias maneiras, podendo ir das mais sutis até as mais brutais”.

Diante desta complexa realidade, intensifica-se a necessidade da realização de estudos, a fim de se encontrar estratégias que auxiliem os professores a trabalhar com o tema da violência, tão presente no cotidiano escolar. Sabendo-se da grandiosidade e importância desta temática procuramos realizar nossa pesquisa tendo como foco: o brincar no combate a violência escolar. A escolha por desenvolver um trabalho voltado para o brincar legitima-se uma vez que este aspecto está presente na escola desde a educação infantil, e é uma importante fonte de desenvolvimento e aprendizagem para o ser humano, desde a mais tenra idade.

No brincar a criança tem prazer em manifestar seus sentimentos, aprende normas e regras, experimenta e constrói relações com o mundo e com o espaço no qual está inserida, cria situações imaginárias, expressa a sua criatividade. Piaget (1971) nos faz refletir que as brincadeiras são um meio que contribui tanto no desenvolvimento intelectual, como também no afetivo, físico-motor, moral, linguístico e social. Vygotsky (1987) afirma que através do brincar as crianças criam as suas relações de interação com as pessoas e com o meio em que vivem, se expressam com mais facilidade, aprendem regras, a respeitar a si mesmo e ao outro. Sendo assim, entendemos que o brincar pode ser um importante instrumento no combate à violência, sobretudo no ambiente escolar, por ser um importante elemento de socialização, o que possibilita, em nosso entender, a formação de indivíduos mais humanos, solidários, criativos e cooperativos.

A partir dos pontos acima mencionados surgiram os seguintes questionamentos: Qual a compreensão dos educadores sobre a violência, na forma como ela se apresenta na educação infantil? Que propostas de atividades e situações são oferecidas às crianças, de maneira que estas possam refletir sobre a violência? Estas envolvem o brincar? A partir dessas questões esclareceremos que o objetivo do nosso trabalho é o de compreender o brincar como estratégia de combate à violência na educação infantil.

A Violência no Contexto Escolar.

Ao estudarmos a temática da violência, e como esta se apresenta no cotidiano das unidades escolares, se faz necessário definirmos o que entendemos por violência. Os estudos

indicam que as conceituações possuem algumas aproximações e distanciamentos, dependendo do enfoque empregado na pesquisa. Miriam Abramovay (2006) defende que a violência deve ser estudada no seu sentido mais amplo e não de maneira restrita, afirmando que definir o conceito de violência é difícil, uma vez que: “violência é um conceito relativo, histórico e mutável. Enquanto categoria nomeia práticas que se inscrevem entre as diferentes formas de sociabilidade, em um dado contexto sócio cultural e, por isso, está sujeita a deslocamentos de sentidos (p. 54)”. Neste aspecto Chauí, (2000) ao estudar sobre ética e violência, nos esclarece que as culturas e sociedades não definem a violência da mesma maneira, mas que lhes dão conteúdos diferentes, segundo os tempos e os lugares. No entanto, a autora também atenua que mesmo com as diferenças, “certos aspectos da violência são percebidos da mesma maneira, nas várias culturas e sociedades, formando o fundo comum contra o qual os valores éticos são erguidos (p.432)”. Abramovay e Rua, no livro *Violência nas escolas* (2002), definem a violência:

Primeiramente como a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) grupo(s) e também contra si mesmo abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de acidentes, além das diversas formas de violência verbal, simbólica e institucional. (ABRAMOVAY, RUA 2002, p.94)

Marilena Chauí (2000), ao definir a violência, diz que esta vai além da violência física, é também a coação, o constrangimento psíquico para obrigar o indivíduo a fazer algo contra a sua vontade, o seu modo de ser, o seu corpo, o seu modo de agir, contra o seu interesse e até mesmo contra a sua consciência. A autora entende que “a violência é a violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana de alguém (p. 433)”. Após essa breve discussão acerca dos conceitos de violência, trazidas pelas autoras Abramovay e Chauí, é de suma importância compreender como esta temática se constituiu no cenário da sociedade contemporânea brasileira, sobretudo no âmbito educacional. A autora Sposito (2001) por meio de seu estudo “Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil”, nos esclarece que: “Na área da Educação, essa temática muito tardiamente começa a ser objeto de preocupação na pós-graduação, refletindo-se, assim, na produção discente” (p.89). A discussão sobre o tema da violência escolar no espaço público, segundo Sposito, eclode juntamente com o processo de democratização que se instaurava no país em 1980.

Com isso, a temática acabou ganhando força no debate público, no entanto, a autora também nos faz um alerta sobre a necessidade de “reconhecer que a elevação da violência à condição de problema nacional no debate público decorre também de sua disseminação e diversificação no âmbito da sociedade civil” (p.90). Sposito, (2001) esclarece que já na década de 1980 havia uma grande divulgação de denúncias realizadas pela mídia, principalmente pela televisão e imprensa, mostrando os estabelecimentos escolares situados nas periferias dos centros urbanos. Nesses casos, o fenômeno da violência nas escolas foi visibilizado por meio de depredações, pichações, furtos, invasões, pois a escola não apresentava o mínimo de segurança.

Existia um consenso de que as escolas precisavam ser protegidas “de elementos estranhos, os moradores dos bairros periféricos, atribuindo a eles a condição de marginais ou delinquentes” (SPOSITO, 2001 p.90). Esta ideia ficou bem presente no Brasil até o final da década de 1990. O problema da violência nesse contexto era considerado apenas como a falta de segurança nas regiões periféricas dos centros urbanos, e que atingia, conseqüentemente, a escola. Nessa perspectiva, a violência era uma situação de “fora” que adentrava a escola.

Posteriormente, Sposito (2001), ao estudar as primeiras pesquisas sobre a violência escolar, relata que estas apontaram que a violência ocorria com mais frequência nas instituições escolares mais autoritárias, e controladoras, pois, estas ações estimulavam as agressões, invasões, depredações e brigas. No entanto, a autora também mostra que a violência escolar acontecia tanto nas escolas mais controladoras, como nas mais permissivas.

Com o tempo a compreensão sobre a violência escolar ultrapassa as questões relacionadas à segurança, e às escolas autoritárias, não se restringindo também a questões geográficas das periferias e aos grandes centros urbanos, uma vez que afetava também as pequenas cidades do país. A partir de uma pesquisa realizada pela UNESCO outros tipos de violências começam a serem evidenciadas no interior das escolas, tais como: discussões, ameaças e agressões interpessoais, principalmente entre os estudantes. Podemos, nesse sentido, afirmar que no período de 1990 a 1999 as pesquisas voltam-se com intensidade para questões dos comportamentos dos jovens que vão desde o vandalismo até a agressividade contra o professor.

Charlot (2002) por sua vez, nos esclarece que no século XIX já existiam escolas enfrentando situações de violência, e que “todavia, se a violência na escola não é um fenômeno radicalmente novo, ele assume formas que, estas sim, são novas, (p.432)”. Partindo disso, o autor esclarece que é preciso distinguir a violência *na* escola, a violência *à* escola e a

violência *da* escola. A violência na escola é aquela que acontece dentro da instituição escolar, mas que não tem relação com a instituição, ou seja, não tem relação com a educação, aconteceu na escola, mas podia ter acontecido em outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, ou seja, tem intensão de atingir a escola e seus representantes. E por último a violência da escola, sendo institucional e simbólica, é dada pela relação entre a ação e o tratamento que os estudantes suportam dos responsáveis pelo corpo da escola.

Os autores Abramovay, Chauí e Charlot explicitam a dificuldade de definir violência, dificuldade essa que se estende à violência escolar, pois segundo Bernad Charlot (1997), primeiramente remete a fenômenos “heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar” e segundo por que desorganiza “as representações sociais que têm valor fundador: aquela de infância (inocência), a da escola (refúgio da paz) e da própria sociedade (pacificadora no regime democrático)” (p.1). O referido autor classifica a violência escolar da seguinte forma:

- a) *Violência*: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes,
- b) *Vandalismo*. - incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- c) *Violência Simbólica ou Institucional*: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos. (CHARLOT 1997 apud ABRAMOVAY, RUA, 2002, p.69).

Charlot (2002) também faz uma distinção entre violência, agressão e agressividade. “A agressividade é uma disposição biopsíquica reacional: a frustração leva à angustia e à agressividade. A agressão é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal. A violência remete a uma característica desse ato, enfatiza o uso da força, do poder, da dominação” (CHARLOT, 2002, p.435). Contudo, o mesmo deixa claro que toda agressão é uma violência na medida em que se usa a força, mas é preciso refletir que é uma ilusão achar que se a agressividade desaparecer, as agressões e conflitos também desaparecerão.

A Importância do Brincar no Desenvolvimento da Criança.

Após essa breve revisão, acerca da violência, iremos analisar, um pouco sobre o brincar, qual importância desta atividade para o desenvolvimento da criança e sobre brincadeiras que contribuam para o combate à violência, no ambiente escolar. Atualmente, quando refletimos sobre os cuidados e a importância da educação da criança mencionamos o brincar como algo natural, que está ligado tão somente à infância. Este pensamento é fruto de uma visão social, histórica e econômica, que os indivíduos foram construindo e modificando com as formas de organização da sociedade. De acordo com essa compreensão o brincar não é apenas uma atividade natural ao período da infância, mas exercício importante para o desenvolvimento infantil.

No campo da psicologia, há importantes autores que trazem no corpo de suas teorias reflexões e análises sobre o tema, nesse sentido é importante refletirmos acerca das contribuições teóricas de Piaget, Vygotsky e Wallon, sobre o desenvolvimento infantil e a importância do brincar. O autor Jean Piaget (1971), em seu estudo epistemológico, escreveu sobre as relações de interação do indivíduo com o objeto, no processo de construção do conhecimento, tendo o indivíduo como um sujeito ativo. Piaget explica que a criança passa pelos processos de assimilação e acomodação para adquirir novos conhecimentos e estes se dão da seguinte maneira:

Na assimilação, a criança incorpora eventos, objetos ou situações dentro de formas e pensamentos, que constituem as estruturas mentais organizadas. Na acomodação, as estruturas mentais existentes reorganizam-se para incorporar novos aspectos do ambiente externo. Durante o ato de inteligência, o sujeito adapta-se às exigências do ambiente externo, enquanto, ao mesmo tempo, mantém sua estrutura mental intacta. **O brincar neste caso é identificado pela primazia da assimilação sobre a acomodação. Ou seja, a criança assimila eventos e objetos a suas estruturas mentais.** (Grifo Nosso) (PIAGET, 1998, p.138).

Piaget (1998), ao discutir sobre os jogos e as brincadeiras, nos faz refletir como estes são aliados necessários para que a criança se desenvolva de forma integral, pois por meio das brincadeiras e dos jogos a criança assimila o real e adapta-se ao mundo social que está ao seu redor. Oliveira (1997) relata que Vygotsky priorizou em seus estudos "as funções psicológicas superiores ou processos mentais superiores" (p.26). O autor buscou compreender os mecanismos psicológicos mais complexos, tipicamente dos seres humanos. Para o autor a criança é um ser social, que ao nascer já é inserido em um ambiente social, começando pela família. Descrevendo que o desenvolvimento ocorre pela interação do indivíduo com o meio social, cultural e histórico no qual está inserido.

Vygotsky acrescenta ainda que essas relações acontecem por meio da mediação. Para Oliveira (1997) este é um conceito central para que possamos melhor compreender os estudos de Vygotsky. Oliveira nos diz que: “Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, a relação deixa de ser **direta** e passa a ser **mediada** por esse elemento” (Oliveira, 1997, p.26) (Grifos da autora). Ainda sobre o desenvolvimento infantil Oliveira (1997), ao falar sobre a concepção de Vygotsky, nos esclarece que: “comparada com a situação escolar, a situação da brincadeira parece pouco estruturada e sem uma função explícita na promoção de processos de desenvolvimento” (Oliveira, 1997, p.65).

Entretanto, Vygotsky discute o papel do brinquedo, e também das brincadeiras de faz-de-conta, de situações imaginárias, da imitação, tendo em vista que as crianças pequenas representam simbolicamente aspectos da realidade. “Ao brincar com um tijolinho de madeira como se fosse um carrinho, por exemplo, ela se relaciona com o significado em questão (a ideia de “carro” e não com o objeto concreto que tem nas mãos).” (Oliveira 1997, p.66). O brincar também cria uma Zona de Desenvolvimento Proximal na criança, seja pela situação imaginária, pela criação, imitação, como também pelas definições das regras específicas, pois mesmo no faz-de-conta há regras que devem ser seguidas. Nesse sentido Vygotsky afirma que:

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. (VYGOTSKY, 1987, p.35)

Nesta perspectiva, quando a criança brinca, por exemplo, de faz-de-conta ela se apropria de elementos que compõem a sua cultura, como também interpreta e constrói significados, para diferentes situações. A criança, nesse contexto, reproduz, por meio do brincar, a sua realidade.

Wallon (2007), em seus estudos sobre o desenvolvimento, compreende a criança em sua totalidade. O autor supõe o domínio afetivo, cognitivo e motor de forma integrada expondo como ocorre o desenvolvimento e como se dá a interdependência (a influência) desses variados conjuntos. Wallon, assim como Piaget, classifica o desenvolvimento da criança em estágios. Segundo o autor, para que ocorra um bom desenvolvimento desses estágios, necessita-se da existência de dois fatores que podem auxiliar na construção de condições que manifestem as atividades de cada estágio: fatores orgânicos e fatores sociais.

Através da interação entre esses fatores, há uma possibilidade de explicar os limites e as características destes estágios, pois para ele: a existência individual está ligada à estrutura orgânica, já a fisiológica à existência social de sua época. Esses estágios não acontecem de forma linear, mas cada estágio prepara a criança para a próxima fase.

Wallon (2007) diz que o brincar é uma atividade própria à criança, composta por etapas que evoluem a partir das necessidades que vão surgindo. O autor faz uma classificação das brincadeiras em quatro tipos: brincadeiras funcionais (identificadas por movimentos simples, como produzir ruídos ou sons); brincadeiras de faz de conta (brincar de boneca, fazer um cabo de vassoura de cavalo); brincadeiras de aquisição (a criança fica mais atenta, para perceber o que está acontecendo, se esforça para ouvir uma música, cenas ou imagens, jogos e brincadeiras mais estruturadas); e por fim as brincadeiras de fabricação (onde a criança se diverte em juntar, combinar e modificar entre si objetos). Para Wallon o brincar vai evoluir de acordo com o desenvolvimento da criança, pois as coisas que chamam atenção de uma criança de seis meses não são as mesmas que despertam a curiosidade em outra criança de três anos.

A partir dessa breve exposição, pode-se perceber a importância do brincar para o desenvolvimento infantil. Além disso, é importante destacar que o brincar é um direito imprescindível da criança. A própria Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente, acrescenta no Capítulo II, Art. 16º, Inciso IV, que toda criança tem o direito de brincar, praticar esportes e divertir-se. Sendo um direito é necessário respeitá-lo a fim de garantirmos as condições necessárias para o desenvolvimento físico, social, cognitivo, emocional, portanto, integral das crianças.

O brincar é uma entre outras oportunidades que a criança tem de expressar seus sentimentos, medos e angústias, mas também é o local de criar e recriar situações vivenciadas, de imitar e de desenvolver a imaginação. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) através do brincar, os sinais, gestos, os objetos e espaços ganham outros significados, além daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando. Por isso, o brincar é uma atividade importante para o desenvolvimento.

O Brincar no Combate a Violência Escolar

Até o presente momento, apresentamos uma breve revisão de como a violência vem se apresentando na sociedade contemporânea. Como pudemos observar a violência é um

fenômeno complexo e de difícil conceituação, podendo manifestar-se de várias maneiras desde a agressão física ou verbal, até violência simbólica ou institucional. Também discorreremos sobre a importância do brincar no desenvolvimento infantil. Diante das diversas situações de violência que as escolas têm vivenciado até mesmo nos anos iniciais, como a educação infantil, cabe neste momento discutirmos o brincar como um recurso que pode ser utilizado no combate ou na prevenção à violência escolar.

Neste sentido, destacamos alguns estudos que nos ajudam a perceber a importância do brincar como uma proposta de combate à violência escolar. As autoras Lucon e Schuwartz em seu estudo: “As atividades lúdicas como um referencial da diminuição da agressividade no âmbito escolar” ressaltam que a escola passou a vivenciar um aumento da agressividade e da violência em diversos momentos, principalmente durante o horário do recreio. E que muitas vezes esses alunos utilizavam a agressividade como uma estratégia para resolver os problemas cotidianos dentro e fora da escola. Ainda nesse estudo destacam em seus resultados que:

As atividades de caráter lúdico podem representar um aspecto importante na canalização das angústias que permeiam algumas fases do desenvolvimento humano, uma vez que, por meio do jogo e da recreação o indivíduo tem a possibilidade de centrar-se na emoção e no prazer, podendo transformar essas emoções consideradas negativas em emoções mais positivas. (LUCON, SCHUWARTZ, 2003, p.135)

Nesse sentido Lucon, Schuwartz. (2003) tentam responder de que forma a atividade lúdica pode contribuir no processo de diminuição da agressividade, aos olhos dos próprios alunos. O estudo mencionado mostrou que a implantação das atividades lúdicas e brincadeiras de caráter cooperativo, representam um referencial de grande importância, na diminuição da violência na escola.

Em nossa pesquisa bibliográfica também identificamos outro estudo, realizado por Torres, Ribeiro e Farias (2007), sobre o efeito do recreio dirigido, uma vez que a situação analisada pelos autores partiu do aumento da "agressividade e da violência durante o recreio". Os autores partem do princípio de reconhecer a importância do recreio escolar dirigido em conjunto com os professores de Educação Física, e como as atividades lúdicas e as brincadeiras ajudam nesse sentido a desenvolver os vínculos afetivos, e sociais como também a construção de novos significados tais como a cooperação, o respeito pelo outro. Os autores em suas análises enfatizam a diminuição das agressões durante o recreio e o reflexo da diminuição das agressões também em sala de aula.

Ambos os estudos fazem menção a situações de violência e agressividade. Assim como Charlot faz uma distinção entre esses aspectos, os autores Anser, Joly, Vendramini, (2003) fazem um alerta dizendo que: “A agressividade, que faz parte da natureza afetiva do ser humano, quando reprimida, pode se manifestar como violência” (p.68). Os autores, ainda ressaltam que há uma dificuldade em perceber a diferença entre ações agressivas e violentas, o que pode levar os professores a promover a repressão da agressividade dos educandos, e estes últimos acabam acumulando essas emoções e se comportando de forma ainda mais agressiva, criando assim um ciclo entre os próprios educandos e os professores.

É notório que estudos sobre a importância do brincar no combate a violência escolar ainda são poucos, como os estudos citados anteriormente, no entanto estes já nos fornecem indícios de que esse pode ser um recurso a ser utilizado pelos professores, para trabalhar a temática da violência. Partindo dos pressupostos acima expostos, buscamos analisar e entender a importância do brincar como uma estratégia para o combate à violência na escola, na Educação Infantil.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, contendo observações, registros, entrevistas, e análises de dados, realizados numa escola da rede municipal em Recife-PE, em duas salas do Grupo V da Educação Infantil, com crianças com idade de cinco e seis anos. Segundo Ludke e André, (1996) “Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele.” (p.1). Optamos por uma pesquisa qualitativa por que segundo os dois autores, “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo”. (Ludke e André, 1996, p.11).

A autora Oliveira (2007) nos esclarece que a pesquisa qualitativa se dá por meio da reflexão e análise da realidade, utilizando métodos que auxiliem a compreender de forma mais detalhada o objeto de estudo, como também a sua estrutura e contexto histórico. Neste aspecto, tomamos uma postura de observadoras participantes, pois segundo Oliveira (2007, p.81) “na observação participante, o pesquisador deve interagir com o contexto pesquisado”, estabelecendo assim uma relação com o grupo, mantendo diálogo, acompanhando e cooperando com o grupo pesquisado nas diversas situações. Também realizamos uma

entrevista semiestruturada, como uma ferramenta de interação com os professores. Nesse sentido a entrevista torna a nossa abordagem mais dinâmica e flexível uma vez que, neste modelo de entrevista o pesquisador possui uma lista de tópicos ou questões definidas previamente, a serem respondidos pelo entrevistado, mas outras perguntas podem surgir no decorrer da entrevista (Mattos, 2005).

Sabendo disto, cabe nesse momento descrever os procedimentos realizados durante a nossa pesquisa: Primeiro observamos a dinâmica de trabalho nas salas de aula dos grupos V A e B, durante cinco dias em cada turma, e realizamos um levantamento de como a violência se apresentou neste contexto. Posteriormente, entrevistamos as professoras e identificamos os principais problemas apontados por elas, relativos à nossa temática. Apresentamos para as professoras os dados, a partir das informações levantadas, e definimos, junto com elas, que situações de violência as docentes gostariam de trabalhar, o que culminou na elaboração conjunta de um plano de ação em longo prazo, o qual priorizou o brincar como uma estratégia de combate à violência na educação infantil.

Tanto as observações como a entrevista e a construção do plano de ação contaram como instrumentos para a consolidação de nosso trabalho, permitindo assim melhor conhecer as compreensões das professoras sobre a temática pesquisada. E por último realizamos a análise dos dados, utilizamos a análise de conteúdo temática, pois baseada em Gomes (2011), após uma leitura compreensiva e exaustiva do material, nos possibilitou fazer inferências a partir das descrições e interpretações de dados.

O critério da escolha do campo se deu porque a unidade escolar já possuía uma prática que priorizava o espaço do brincar, contudo, apesar de a instituição escolar assegurar esse espaço do brincar, ainda ocorriam algumas situações de violência. O que foi de encontro a nossa pesquisa uma vez que estudamos um recurso que a escola já possui, dirigido de forma que possa ser utilizado como uma estratégia de combater e prevenir as situações de violências que ocorrem na escola.

Análise dos resultados

Na busca por compreender o brincar como uma estratégia de combate à violência na educação infantil, analisamos os resultados alcançados tomando como base as perspectivas discutidas em nosso referencial teórico, dividindo nossa análise em três grandes blocos, sendo o primeiro relativo às concepções das professoras sobre violência escolar e como estas

violências se evidenciam no cotidiano da educação infantil; o segundo, como o brincar se apresenta no dia a dia das turmas observadas; e o terceiro, a relação do brincar como uma prática de combate à violência na escola. Neste momento, vale salientar que nos reportaremos às professoras de nossa pesquisa como professora A e professora B.

Conhecendo o ambiente e a rotina

Realizamos nossa pesquisa numa escola da Rede Municipal de Recife, situada no Loteamento Nova Morada, no bairro da Várzea, onde foram observados dois grupos V da Educação Infantil. A escola observada é considerada de pequeno porte, todas as salas são pequenas e apertadas. A escola é um prédio alugado e algumas salas foram improvisadas, como as dos grupos observados durante a nossa pesquisa. Ambas as salas são climatizadas e pudemos observar as produções dos educandos, bem como materiais fixados que auxiliam na rotina diária, como quadro de quantidade de meninas e meninos, rotina dos dias da recreação, da sala de vídeo e biblioteca, além de letras, números e imagens sobre as regrinhas das salas e cantinho de leitura.

O grupo V A, é constituído de três meninas e sete meninos, totalizando 10 crianças, das quais oito tinham cinco anos de idade e duas seis anos; e o grupo V B, com 12 crianças matriculadas, destas três meninos e nove meninas, sendo 11 crianças com cinco anos de idade e uma com seis. O grupo V A possui um mobiliário adequado para a idade das crianças, com cadeiras e mesas pequenas, apesar do pouco espaço. O grupo V B, por sua vez, possui cadeiras altas e não tem mesas.

A rotina do grupo V A se iniciava às 07h30min da manhã com um “bom dia” coletivo. Ao entrar na sala, a professora, todos os dias, iniciava a aula escrevendo a rotina no quadro e explicava para as crianças que só poderiam passar para a próxima atividade quando terminassem a que estavam fazendo. Pudemos observar que durante a aula a turma era tranquila, e sabia reconhecer todos os momentos da rotina diária, como: cantar a música dos dias da semana, contagem dos alunos e os momentos específicos de cada atividade.

A Rotina no grupo V B se iniciava às 13h30min com o “boa tarde” coletivo. Ao entrar na sala, durante a semana, observamos que a professora explicava a rotina oralmente às crianças, através da música que informava qual era dia da semana. Essa turma por sua vez se mostrou um pouco impaciente e agitada. Apesar das crianças identificarem algumas das

atividades mais marcantes da rotina, elas ainda não construíram alguns princípios, como por exemplo: de formar uma fila sem empurrar e respeitar os colegas.

Sujeitos da Pesquisa

Perfil: Neste momento se faz necessário identificarmos quem são os sujeitos da nossa pesquisa, por meio de dados referentes ao perfil profissional de cada participante, tendo em vista que estes também são fontes que nos auxiliam a melhor compreender a sua prática diária e escolha de atuação. Ambas as professoras são formadas em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, e possuem especialização em Educação Infantil. A professora A tem 32 anos de idade, atua como professora há seis anos e na educação infantil há um ano e oito meses, a professora B tem 37 anos de idade e atua como professora há 14 anos. Na educação infantil atuou seis anos, foi para o fundamental I, no qual atuou por sete anos, e voltou este ano para a educação infantil. As docentes de nossa pesquisa exercem a função de professor efetivo e adentraram na rede municipal de Recife por meio de concurso público. É notório, por meio da entrevista e observações, que além da formação específica, as mesmas se identificam e são comprometidas com o seguimento da educação infantil. Isso fica evidenciado nas transcrições das falas a seguir:

Gosto de trabalhar com as crianças menores, sempre gostei! Eu gosto do jeito, da maneira, da proposta curricular que a Educação Infantil se propõe a fazer, entendes?! A questão da própria importância da ludicidade, da brincadeira, como aspectos importantes para o desenvolvimento da criança. Não que os outros anos não trabalhem, mas na Educação Infantil conseguimos visualizar e trabalhar melhor estas questões. É a área que eu sempre quis atuar. (PROFESSORA A)

Ah! É por que eu gosto de trabalhar com criança pequenininha, eu gosto! Mais do que os maiores. Geralmente os pequeninhos você conversa, você brinca, você canta. Mesmo quando tem algum problema, que eles brigam, ou alguma coisa, você conversa e eles atendem melhor. (...) Eu prefiro lidar com os pequeninhos, que eu sei como trabalhar melhor essa parte. (PROFESSORA B)

Como podemos observar as professoras citam aspectos que estão presentes e são muito importantes para esta etapa da educação básica, tais como, a conversa, as canções, o caráter lúdico, as brincadeiras, e a proposta curricular. O que nos faz refletir que as professoras já possuem certa experiência com o tema de nossa pesquisa.

1. O que pensam as professoras da Educação Infantil sobre violência Escolar?

Relembrando a perspectiva de Abramovay (2006) percebemos que a violência é um conceito que, enquanto categoria, nomeia diferentes práticas e formas de sociabilidade, atreladas a um determinado contexto sócio-histórico cultural. Percebemos que as professoras ao dizerem o que entendem por violência escolar evidenciam diferentes tipos de violências. Segundo os autores Abramovay (2006), Chauí (2000) e Charlot (2002), a violência é um fenômeno complexo, amplo, e de difícil delimitação, uma vez que nomeia não apenas uma, mas diferentes práticas. Apesar de ambas conseguirem expressar as suas concepções de violência, percebemos que a professora A traz em sua fala mais elementos de como a mesma identifica esse fenômeno no seu cotidiano escolar. Observemos o recorte da fala a seguir:

Eu penso que violência escolar, é toda forma de coação, agressão física e também verbal, as brigas, discussões, o autoritarismo, uso excessivo de poder e agressividade. Na Educação Infantil, nós podemos visualizar a violência de diversas formas como: Agressões verbais, quando as crianças xingam os amigos, abusam de apelidos que eles não gostam, as agressões físicas, de bater no outro, chutar e discussões. No começo desse ano a turma que eu tenho discutia muito, bate boca mesmo, agora eles estão mais calmos, e também a agressividade com colegas e professores. (PROFESSORA A)

Percebemos que as concepções reveladas pela professora, acerca da violência escolar, se aproximam das concepções trazidas por Chauí (2000), uma vez que entende que a violência é um ato que vai além do uso da força física, que é também toda coação e constrangimento psíquico, que obriga o indivíduo a realizar algo que seja contra a sua vontade, contra a sua integridade e dignidade humana, o que fica evidenciado na fala da professora A. Como também se aproximam das concepções de Abramovay e Rua (2002), que concebem a violência como uma intervenção física contra a integridade do outro. Além disso, observa-se que ambas fazem menção às agressões verbais, contudo apenas a professora A consegue destacar a violência simbólica e institucional, na forma do uso excessivo de poder e do autoritarismo, isso se dá pelo fato desta acontecer normalmente de maneira muito sutil. Tais considerações nos remetem às contribuições de Charlot (2002) que nos faz compreender que nem toda a violência é somente entre os alunos, mas também a violência dada pelas relações de poder entre os professores e alunos, e da própria instituição.

De acordo com o que se pode observar a professora A entende a violência escolar de maneira ampla e abrangente, que vai além da violência física, verbal. A professora B, apesar

de destacar que a violência pode ocorrer tanto com os estudantes como com os professores, evidencia, principalmente, a violência no contexto da educação infantil, por meio de conflitos de interesses entre os estudantes. Um fato interessante trazido pela professora B é que a mesma delimita quem são os atores das situações de violência, que, segundo ela, podem ser tanto os alunos como os professores. A professora A também evidencia em sua fala a agressividade como violência escolar. Entretanto, é importante considerar que nem toda situação de agressividade é, necessariamente, violência, como nos faz refletir Charlot. Nesse sentido, Anser, July, e Vendramini (2003) destacam que a agressividade faz parte da natureza humana, que muitas vezes por ser sempre reprimida acaba gerando mais situações de violências, muitas vezes pelo fato de os professores não saberem identificar esta diferença.

1.2 Como a violência pode se apresentar no contexto da Educação Infantil?

Pensando sobre as reflexões teóricas de Charlot (2002) e nos estudos de Sposito (2001), sabemos que a violência escolar não é um fenômeno novo. O que é novo são as formas como vem se apresentando no contexto escolar, nos diversos seguimentos da educação básica. Neste sentido, se faz necessário destacar como ela se apresentou em nosso estudo, mais especificamente no contexto da educação infantil. Respalçadas em nosso referencial teórico, conseguimos identificar as seguintes categorias, como mostra o quadro a seguir:

| Tipos de violências | Turmas | Observação do 1º dia | Observação do 2º dia | Observação do 3º dia | Observação do 4º dia | Observação do 5º dia |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|---------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| Violência Física: <ul style="list-style-type: none"> • Golpes, ferimentos, Agressão física. • Intervenções a integridade contra si, ou outro (s) • Violação da integridade física | Grupo A | Durante o recreio: O menino empurrou o amigo. | Durante o recreio: O menino bateu com a vassoura na amiga. | Durante o recreio: O menino jogou uma pedra no amigo. | Durante o recreio: A menina bateu no olho de outra criança; | Durante o recreio: O menino empurrou o amigo. |
| | | O menino bateu na cabeça do colega. | | O menino bateu no braço do amigo. | Chutou a perna de uma criança | |
| | Grupo B | Durante a aula: Um menino agarra a força outro menino. | Durante o recreio: Um aluno chutou e deu um murro no outro aluno. | Durante a aula: Dois meninos brincam de dar murro um no rosto do outro, depois a brincadeira acaba em | Durante a aula: Um menino empurra a colega e a mesma bate a boca no chão. | Durante a aula: Um menino pega um livro e bate na cabeça de uma menina e |
| | | O menino revida com chutes, tapas e | Uma menina toma o carro | | | |

| | | | | | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|
| | | empurrão. | a força, da mão do colega. | agressão física. | | de outro menino. |
| Agressão verbal <ul style="list-style-type: none"> • Ofender com palavras grosseiras, • Falta de respeito; • Insultos, • Xingamentos | Grupo A | Durante o recreio: Um menino chamou palavrões com os amigos. | Durante o recreio: Um menino chamou a amiga de feia e baleia. | Durante o recreio: Chamou a amiga de gorda. | Na sala de Aula: um menino Chamou palavrão com o amigo. | |
| | Grupo B | Durante a aula: Um menino grita com outro menino durante o jogo. | | Durante a aula: Um aluno chama o outro de cagão. | | Durante a aula: Um menino chama a colega de burra. |
| Situações de agressividade exemplos: <ul style="list-style-type: none"> • Gritos, • Pontapés • Se jogar no chão • Jogar ou morder objetos • E outros. | Grupo A | Durante a aula: A menina bateu com as mãos na mesa, por que os amigos não fizeram o que ela queria. | | Durante a Aula: O menino bateu forte com os pés no chão, por que queria fazer outra atividade. | | |
| | Grupo B | | | Durante a aula: Um menino se joga no chão, bate com o pé no chão e na porta. | Durante a aula: Um menino grita e derruba os seus materiais no chão. | |

A **Violência física** neste contexto é entendida embasada nos estudos de Charlot (1997) apud Abramovay e Rua (2002), como por exemplo: golpes, ferimentos. E de Marilena Chauí (2000) como o uso da força física e violação da integridade física. A violência física foi constatada em ambas as turmas, de diferentes formas. Como se pode observar no quadro, as do grupo V A sempre ocorriam *durante o recreio*, e não na sala de aula, tendo em vista que na sala a professora A utilizava o brincar de maneira dirigida, explicando as regrinhas. A professora A manteve uma postura que além do diálogo, realizava as atividades utilizando o lúdico, como por exemplo, no momento de formar a fila para lanchar, a professora cantava uma musiquinha. Quando utilizava os blocos de encaixe do projeto Lego, estimulava a cooperação entre os educandos, fazendo com que as crianças montassem os bonecos juntos em pequenos grupos, de maneira que todos se ajudassem.

Já na turma do grupo V B as situações de violência física ocorriam durante a aula *dentro da sala* e também no recreio, mesmo a professora B explicando que não podia bater no colega e realizando brincadeiras. Nesta turma percebemos que houve poucos momentos de

brincadeiras cooperativas, nas quais as crianças pudessem brincar em pequenos grupos. O que nos faz pensar que as brincadeiras cooperativas seriam um importante aliado no combate à violência, com esta turma.

A **Violência Verbal ou agressão verbal** aqui retratada é entendida por nós segundo os conceitos trazidos por Charlot (1997) Apud Abramovay e Rua (2002), como uma categoria de Vandalismo na qual estão presentes: falta de respeito, palavras grosseiras, e humilhações, como os exemplos retratados na tabela.

Situações de agressividade: Compreendida por Charlot (2002) como uma disposição biopsíquica: a frustração que leva a angústia e a agressividade. Pudemos constatar tal fato em nosso estudo, pois ambas as situações mostradas no quadro, como as crianças baterem forte com mãos ou pés, ocorreram por não conseguirem o que queriam, se sentindo desapontadas e contrariadas, o que pode ser interpretado como a birra infantil.

A **Violência simbólica ou institucional:** Refletida por Charlot (1997) apud Abramovay, Rua (2002) como a falta de sentido de permanecer na escola, um ensino que obriga o aluno a aprender conteúdos sem sentidos, é a violência que se dá nas relações de poder entre professores e alunos, como também na negação da identidade profissional do professor. Quando perguntadas se a escola violenta os alunos de alguma forma, ou se já se sentiram violentadas ou violentando os seus estudantes, a professora B não consegue identificar esse tipo de situação da escola violentando as crianças, já a professora A destaca que:

Penso que sim. Se considerarmos que muitas vezes as crianças são “obrigadas” ou “pressionadas” a estudar muitos conteúdos que muitas vezes não fazem sentido para as mesmas, ou quando muitas vezes por indisciplina dos alunos os professores se utilizam de poder para coibir esses atos dos estudantes. (...). Quando eu converso e tiro do recreio porque ocorreu alguma situação de violência, mas penso que precisaríamos criar mais estratégias que vá além destas. (PROFESSORA A)

Neste primeiro momento percebemos a professora se aproxima dos pressupostos de Charlot ao compreender que a escola também violenta os seus estudantes, o que o mesmo categoriza como a violência **da** escola, ao impor a sua cultura. Apesar de a professora B não identificar a violência institucional relacionada aos estudantes, ambas as professoras se remetem à violência simbólica relatando que se sentem violentadas a partir de situações vividas no seu cotidiano, como por exemplo, a falta de estrutura das salas e espaços inadequados para a recreação e para trabalhar com as crianças da educação infantil, as condições precárias de trabalho, e até mesmo quando as mães lhes faltam com respeito, com

xingamentos e palavrões, nesse contexto a violência simbólica ou institucional pode ser caracterizada segundo Charlot como a negação à satisfação da identidade profissional refletidas nos discursos das professoras, uma vez que lhes faltam a estrutura necessária para um bom desenvolvimento de seu trabalho, como também suportar o desrespeito por parte dos pais.

2. O Brincar na prática Pedagógica das Professoras

Como já discorremos anteriormente, em nosso referencial teórico, os autores Piaget, Vygotsky, e Wallon discutem sobre a importância do brincar para o desenvolvimento da criança em seus múltiplos aspectos: afetivo, motor, emocional, social e cognitivo, a fim de que se desenvolva de maneira integral e na sua totalidade. Sabendo disso, buscamos identificar, como as professoras utilizavam o brincar em sua prática pedagógica. Baseadas no que diz o (RCNEI, 1988), que assegura “o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil” (p.13), subentende-se que esta é uma prática que deve acontecer nesta etapa da educação básica.

As duas docentes utilizaram brincadeiras e jogos que fazem parte de projetos da rede de ensino do município, como o projeto Lego (no qual as crianças utilizavam blocos de encaixe para montar animais, bonecos, objetos), como também o Minds Lab, material do Programa Mente Inovadoras. Em uma dessas situações, a professora A utilizou a “bandinha” chamando as crianças para brincar de “tocadores”. Mas antes de começar a cantar e brincar, a professora ressaltava que após cada música, as crianças deveriam trocar os instrumentos para que desta forma todos participassem. Ao terminarem de cantar, a professora esperava a troca dos instrumentos e ressaltava: “Agora a gente faz o quê?”. E quando trocavam os instrumentos, falava: “Muito bem!”. Em certo momento, uma criança queria trocar o instrumento antes da hora, e a professora perguntou: “Mas como é a regrinha? Pode trocar no meio da música?” e os alunos responderam que não. E assim, continuavam a brincadeira.

Na sala da professora B, também vivenciamos uma atividade com jogos da Minds Lab, no qual as crianças tinham que prestar atenção nas cores para realizar a sequência destas com o seu material. Além desses momentos, em ambas as salas houve brincadeiras com músicas. Observando a prática das docentes e refletindo a cerca das contribuições de Piaget, podemos dizer que as professoras entendem que tanto os jogos como as brincadeiras, além de serem atividades prazerosas, são elementos necessários para um bom aprendizado da criança

em seus diversos aspectos, uma vez que o brincar possibilita a criança assimilar o mundo real e adaptar-se a ele.

Seguindo o pensamento de Wallon, de que o brincar é uma ação própria da criança que evolui de acordo com as necessidades que vão surgindo, e refletindo sobre as quatro categorizações das brincadeiras trazidas em estudos, conseguimos identificar nas nossas observações três categorias de brincadeiras sendo estas: *brincadeiras de faz de conta*: em vários momentos observamos no recreio que as crianças brincavam de escolinha, imitando a professora, brincavam de boneca na qual a boneca era a filha e nesta última situação a criança assumia o papel da mãe, e até fingiam ser personagens de desenhos infantis. Refletindo sobre esta categoria de faz de conta na perspectiva de Vygotsky podemos dizer que esse comportamento das crianças se dá por estarem internalizando as condutas dos adultos, ou seja, as crianças, por meio dessas situações imaginárias demonstraram estarem assimilando os papéis sociais de sua professora e como também os de suas mães.

Também conseguimos perceber as *brincadeiras de aquisição*: nas quais as crianças ficavam mais atentas para cantarem músicas da palavra cantada e fazerem gestos com suas professoras, ou quando brincavam de imitar animais. E as de *brincadeiras de fabricação*: identificadas quando as crianças brincavam com blocos de encaixe, ou a atividade da sequência das cores descrita anteriormente, na qual as crianças modificavam e ou combinavam os objetos.

As professoras também fizeram uso de diversos brinquedos e jogos tanto dentro da sala de aula como também nos momento de recreação. O que nos faz lembrar a perspectiva de Vygotsky que compreende que o brinquedo dá a possibilidade às crianças de desvincularem-se das situações concretas e atribuir-lhes um novo significado, como por exemplo, durante a recreação as professoras entregavam uma caixa de brinquedos para as crianças, neste momento um grupo de meninos pegaram dois blocos de encaixe e fingiam que eram carrinhos, ou seja, por meio da imaginação as crianças transformaram o significado real do objeto em outro, a partir do seu interesse. Essas aproximações com os estudos de Vygotsky, acerca do brincar, também fica evidenciado nas falas das docentes como no recorte a seguir:

Eu planejo e utilizo o brincar todos os dias. Como eles são pequeninhos, têm uma necessidade muito grande de brincar, e é a partir da brincadeira que eles vão se desenvolvendo, vão aprendendo a se relacionar com os outros. E isso auxilia também até no combate à violência, porque a partir do momento em que eles brincam, eles acabam reproduzindo também situações do dia a dia deles, que às vezes tem violência e às vezes não tem; e por meio da brincadeira, dá pra gente ir conduzindo, orientando e brincando, e aos

poucos eles vão percebendo a importância de brincar, sem brigar.
(PROFESSORA B)

A partir da perspectiva de Vygotsky, entendemos que o brincar pode criar uma Zona de Desenvolvimento Proximal, na qual a criança pode desenvolver-se em grupo sob a orientação ou coordenação de outro mais experiente, seja ele adulto ou criança. Sabendo que a ZDP é o caminho realizado pelo indivíduo para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real. Isso nos leva a inferir que ambas as professoras entendem o brincar como um facilitador nesse processo de aprendizagem, para uma boa convivência no ambiente escolar. Além disso, percebemos que a professora B já antecipa em sua resposta que o brincar é um elemento que ajuda as crianças a melhor se relacionar umas com as outras, e que, portanto, auxilia no combate à violência.

3. Pode o brincar ser uma estratégia de combate à violência na educação infantil?

Como foi analisado, anteriormente, percebemos que o brincar é um elemento imprescindível para o desenvolvimento das crianças. Diante disso, relatamos que as professoras de nossa pesquisa demonstraram compreender sobre essa importância, o que se revelou não só em suas respostas às entrevistas, como em suas práticas diárias. A partir deste ponto, tentaremos responder a seguinte pergunta: Pode o brincar ser uma estratégia de combate à violência na educação infantil?

Segundo Gonçalves e Andrade (2015) já não bastam mais constatar, identificar ou refletir sobre as múltiplas formas de violência que são praticadas no ambiente escolar. É preciso ir além e propor situações ou formas que possam superar esses problemas relacionados à violência nesse contexto, tendo em vista que é um espaço privilegiado de convivência com a diferença, com a formação moral, com a ética, responsável pela formação de cidadãos, capazes de conseguir respeitar a si mesmos e a dignidade dos outros.

Relembrando as conclusões dos estudos realizados por Lucon e Schuwartz (2003) as mesmas afirmam que tanto as atividades lúdicas como as brincadeiras de cooperação podem ser consideradas como um referencial no processo de diminuição da violência escolar. Neste sentido, percebemos uma aproximação das ideias das autoras acima com as respostas das professoras A e B. Quando perguntadas se o brincar poderia ser utilizado como um possível instrumento de combate à violência escolar, responderam da seguinte forma:

Com certeza, o lúdico e as brincadeiras são instrumentos muito relevantes. Quando a criança brinca ela traz à tona a sua criatividade e se utiliza da imaginação, aprende regrinhas e dessa forma o brincar pode contribuir para desenvolver a afetividade e o respeito de uns para com os outros. (PROFESSORA A)

É eu acredito que sim! Porque, na brincadeira eles vão vivenciando e vão reproduzindo situações do cotidiano deles. Então na brincadeira aparece também a violência e a gente pode tratar essa violência de uma forma mais específica, a partir do momento que eles vão expondo, a gente já vai trabalhando. (PROFESSORA B)

Percebe-se, portanto, que ambas entendem que o brincar pode ser utilizado no combate à violência escolar, e se aproximam à teoria de Vygotsky quando mencionam as situações imaginárias, reprodução de situações vivenciadas no cotidiano das crianças, por meio das brincadeiras de faz de conta, na qual as crianças vão se apropriando da sua cultura, interpretando e construindo os seus próprios significados. Outra questão importante presente na fala da professora A é sobre respeito às regras. Durante as observações as professoras mantiveram uma prática de sempre explicar as regrinhas dos jogos antes de brincarem com as crianças. Quando ocorria algum conflito, a professora A sempre perguntava à criança envolvida qual foi a regrinha que tinha aprendido juntamente com os colegas. Além disso, enfatizava que tal atitude divergia da regrinha da sala, e pedia para que se desculpasse. Por sua vez, a professora B, nos momentos de violência, explicava que isso não poderia ocorrer e que era falta de respeito com o amiguinho.

Foi perceptível que as professoras tomaram a postura de mediadoras nesse processo, dando a entender que, de acordo com Vygotsky, entendem que por meio das regras as crianças podem desenvolver tanto os seus aspectos sociais, morais e cognitivos, como também os emocionais. Seguindo o raciocínio desse autor, toda brincadeira possui as suas regras de comportamentos, mesmo que estas não estejam formais e explícitas, por meio das regras a criança vai aprender a respeitar as normas, a partilhar as decisões, reconhecer os seus limites, o que contribui para uma boa convivência social.

É notório que as duas professoras têm um trabalho voltando para o brincar e se utilizam bastante das regras, mas quando perguntadas se já desenvolvem um algum trabalho no combate a violência escolar, a professora A diz que: “Utilizo sempre as brincadeiras e os jogos em minha prática pedagógica, para auxiliar no desenvolvimento cognitivo das crianças. Ainda não utilizei na perspectiva do combate a violência”. Já a professora B parece ter mais clareza sob este aspecto, ao afirmar que:

Na minha concepção sim, por que todas as brincadeiras e jogos que a gente realiza, mesmo eles não percebendo, todas elas têm regras a serem seguidas pra que todos se divirtam pra que todos aproveitem a brincadeira. Por que quando um não brinca, quando um não gosta, quando um não se diverte, então a brincadeira não é legal pra todos e tá aí a importância de respeitar o amigo, e de fazer com que todos saibam ceder e de que todos saibam se divertir em grupo. (PROFESSORA B)

Apesar de constatarmos que o trabalho das professoras tem um direcionamento voltado para as questões das regras, percebemos no momento da construção do plano de ação⁴ que esse não é o único elemento que as professoras priorizam em seus trabalhos, pois para cada brincadeira escolhida as mesmas trouxeram outros valores que podem ser desenvolvidos por meio das brincadeiras como: respeito, autocontrole, cooperação, amizade, solidariedade, confiança, ajuda, generosidade, paciência, que podem auxiliar no combate à violência escolar.

Refletindo sobre esses valores, descritos no plano de ação das professoras, percebemos uma aproximação com os estudos de Elvira (2015), sobre a convivência escolar. Através da literatura infantil, a autora afirma que os valores transmitidos socialmente ao longo da história evoluem ou outros valores passam a serem almejados e é nesse momento que se faz necessária uma educação de valores que possibilitem às gerações futuras uma convivência mais feliz, solidária, e cooperativa. Acreditamos que essa discussão sobre valores cabe perfeitamente em nosso trabalho, e por isso muitos desses valores foram utilizados como referências para as brincadeiras propostas no plano de ação. Pois, entendemos que a escola deve propiciar às crianças uma educação na qual seja possível a construção de sua autonomia, de cidadãos mais conscientes, mais solidários e cooperativos.

Sobre este último aspecto Friedmann (1996), tomando como base os pressupostos de Piaget, diz que “a forma mais interessante para promover a cooperação, fator essencial do progresso intelectual é o trabalhar em grupo (p.67)”. Por isso as brincadeiras grupais e cooperativas tiveram destaque no plano de ação. Entretanto, também foram propostas brincadeiras de competição, pois tomamos como base a teoria de Vygotsky que supõe que as crianças por meio das situações sociais constroem o seu conhecimento, têm acesso à cultura e também aos valores que foram construídos pelo homem ao longo da história. Por isso, entendemos a necessidade de também propor brincadeiras das quais as crianças tivessem a oportunidade de aprender a negociar, a resolver conflitos, a saber ganhar e também perder, questões que, de certa maneira, ajudam a prevenir a violência.

⁴ Ver plano de ação, elaborado em conjunto com as professoras, em anexo.

Diante das respostas das professoras, na construção do plano de ação, e baseadas na pesquisa realizada por Torres, Ribeiro e Farias (2007) que firmam que é preciso reconhecer a importância das atividades lúdicas e brincadeiras para a diminuição da violência no recreio, e que essas também se refletiram nas atitudes das crianças dentro da sala de aula, mais uma vez, reafirmamos que o brincar pode sim ser um instrumento de combate à violência escolar, em consonância com o Referencial Curricular para a Educação Infantil:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (RCNEI, 1988, p.23).

Nessa perspectiva, de que educar é também realizar atividades que ajudem as crianças a melhor desenvolver suas relações sociais e culturais, podemos afirmar que o brincar como proposta de combate à violência escolar na educação infantil é de grande relevância. Pois percebemos que as brincadeiras auxiliam as crianças a melhor desenvolverem as suas relações interpessoais, como também ajudam na construção de sua identidade e personalidade, de sua autonomia e confiança e a estabelecerem relações de respeito, elementos primordiais para o desenvolvimento integral da criança, ao mesmo tempo em que contribui para formação de cidadãos mais solidários e cooperativos.

Considerações finais

Este trabalho se propôs a entender o brincar como uma estratégia de combate à violência escolar na Educação Infantil. Através das observações e das entrevistas semiestruturadas realizadas com professoras dos grupos V de uma escola da Rede Municipal do Recife, identificamos os tipos de violência que se apresentavam no cotidiano destes grupos, além de percebemos de que forma as professoras apontavam a caracterização desta violência. Além disso, este estudo também nos proporcionou identificar o brincar no cotidiano das turmas e compreender a sua importância para o desenvolvimento da criança, baseadas nos teóricos que estudamos e como as professoras faziam a relação entre o brincar e a violência, no ambiente escolar.

Diante destes aspectos, identificamos nas falas das docentes que ambas conseguiam expressar a maneira que a violência pode se mostrar no espaço escolar, tais como: as

violências física, verbal e a violência simbólica. O brincar por sua vez apareceu na resposta das docentes, como também em suas práticas diárias, como um elemento de primordial importância, indicando que as duas professoras compreendem sua importância para o desenvolvimento das crianças, como para uma boa convivência no ambiente escolar. Logo, o brincar é compreendido como uma estratégia de aprendizado de respeito às regras, mas também de socialização, de integralização e que por meio deste, valores como amizade, solidariedade, confiança, ajuda, generosidade, paciência, o respeito ao colega, a autonomia, a cooperação, podem ser trabalhados com as crianças a fim de auxiliar no combate a violência escolar.

Este trabalho nos proporcionou enquanto profissionais da educação, não só identificar e entender o fenômeno da violência, como também propor uma estratégia de enfrentamento que auxilie na prática a superar essa problemática. É necessário notar que este estudo possui um limite, este se deu devido a não vivência do plano de ação, que foi elaborado juntamente com as docentes. Pois, o plano por sua vez traria um enriquecimento e a aprofundamento da temática em discussão, e apresentaria um dado empírico à pesquisa. Apesar da não realização do plano de ação elaborado por nós, em conjunto com as duas professoras, entendemos que deixamos uma contribuição para a escola, tendo em vista que ambas asseguraram de colocá-lo em prática no ano vindouro, contribuindo assim para a nossa formação, para melhor compreensão sobre a temática e a para aprimoramos nosso entendimento como futuras professoras e pesquisadoras da educação.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO; Observatório de Violência; Ministério da Educação, 2006.

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Unaid, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, Consed, Undime, 2002.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Henri Wallon - Psicologia e Educação**. São Paulo, Loyola, 2007.

ANSER, Maria Aparecida Carmona Ianhes; JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; VENDRAMINI, Claudette Maria Medeiros. **Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor**. Psicologia: Teoria e Prática, v.5, n2: p.67-81,2003.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1v, 1988.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 8, p. 432-443, jul/dez 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16> Acesso em: 10. Abril. 2015.

CHAUÍ, Marilene. **Um convite à filosofia**. São Paulo, Ed. Ática, 2000.

FRIEDMAN, Adriana. **Brincar: Crescer e aprender – O resgate no jogo infantil**. São Paulo. Moderna, 1996.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, Suely; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.79-106.

GONÇALVES, Catarina Carneiro; ANDRADE, Fernando Cezar Bezerra d. IN: ELVIRA, N.; GONZAGA, K. ; MARTINÉZ, J. ; MENEZES, J. ; SILVA, A. ; TOGNETTA, L.; TRINDADE, A.; VINHA, T. **Violências e bullying na escola análise e prevenção**. Curitiba PR, 1Ed. CRV, 2015.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli: **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Editora EPU, 1986.

LUCON, Priscila Nogueira. SCHWARTZ, Gisele Maria. **As atividades lúdicas como um diferencial na diminuição da agressividade no âmbito escolar**. Instituto de Biociências – UNESP – Campus de Rio Claro). 2007.

MATTOS, P.; LINCOLN, C. L.: **A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise**. RAP Rio de Janeiro 39 (4):823-846, Jul./Ago. 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Martha Kohl- **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. 4º ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed.Vozes,1971

_____. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand, 1998.

SPOSITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. In: Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.27, nº 1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a07v27n1.pdf> Acesso em 10 de Abril.2015.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

Anexo

Entrevista

➤ Perguntas de perfil

Nome:

Idade:

Qual a sua formação? Possui especialização?

Há quanto tempo atua como professora? E na Educação Infantil?

Há quanto tempo atua nesta escola?

O que levou você a trabalhar na Educação Infantil?

- Como e/ou de que formas a violência pode se apresentar, ou se apresenta no contexto da Educação Infantil?
- No seu cotidiano escolar na Educação Infantil, você já presenciou alguma dessas situações de violência que você mencionou? Se sim, quais são as mais recorrentes?
- Quando você presencia uma situação de violência na escola, como você costuma agir?
- Você já se sentiu alguma vez violentando seus alunos? Quando e por quê?
- Em sua opinião a escola violenta os alunos de alguma forma? Quando e por quê?
- Você já se sentiu violentada em seu trabalho como professora? Quando e por quê?
- Então, pensando em tudo isso que você falou o que você entende por violência escolar?
- Em sua opinião o brincar pode ser utilizado como um possível instrumento de combate à violência na escola? Como Por quê?

PLANO DE AÇÃO

TEMA: MAIS BRINCADEIRAS E MENOS VIOLÊNCIAS

JUSTIFICATIVA

Este plano de ação tem como finalidade desenvolver, por meio de brincadeiras, ações educativas que façam as crianças refletirem sobre a problemática da violência escolar, a longo e curto prazo, dentro e fora da sala de aula, como também atividades que envolvam toda a comunidade escolar. Para isso elaboramos ações em que cada dia seja trabalhada uma brincadeira diferente, na qual as crianças possam compreender a importância do outro aprendendo a brincar sem bater, ou xingar o colega. Como também desenvolver valores tais como: respeito, autocontrole, amizade, solidariedade, cooperação, aprendizagens de regras e outros.

Sabendo da importância de se trabalhar a temática da violência escolar, priorizamos, no nosso plano de ações, o brincar, tendo em vista que este é um aspecto bastante presente na educação infantil, área a qual estamos trabalhando. Pois como bem sabemos o brincar é muito importante para o desenvolvimento da criança, tendo em vista que este é um dos elementos socializadores que possibilitam às crianças aprenderem a se relacionar com os outros.

OBJETIVO GERAL: Refletir sobre a temática da violência escolar de maneira lúdica, por meio de brincadeiras e jogos, observando assim a sua contribuição no processo de diminuição da violência escolar.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Sensibilizar a comunidade escolar sobre a temática, a fim de obter êxito no combate à violência escolar;
- Vivenciar experiências por meio do brincar, nas quais os estudantes possam sentir o seu corpo e expressar suas emoções, também aprendendo o autocontrole direcionando a agressividade.
- Reconhecer a importância das regras, dos limites e da disciplina para a realização das brincadeiras e jogos.

- Desenvolver valores por meio das brincadeiras como amizade, cooperação respeito e solidariedade.

Metodologia:

Iniciaremos com a realização de reuniões com a gestão, professores e funcionários para relatar, discutir e realizar estudos de casos, sobre a importância de se desenvolver um trabalho contra a violência, como também obter sugestões de como todos podem participar desse projeto. Apresentando detalhadamente a metodologia do projeto, e possíveis soluções a serem realizadas dentro e fora da sala de aula. Após esse momento inicial as demais atividades e vivências acontecerão concomitantemente.

- Palestras com os pais/responsáveis, sobre os diversos tipos de violência na escola, se possível trazer alguém de fora para relatar sua experiência e expor o projeto, para os mesmos buscando parceria com estes e toda a comunidade.
- Trabalhar a temática da violência, por meio de situações ocorridas na escola, finalizando com atividades de fechamentos escolhida por cada turma tais como: apresentações, peças teatrais, exposição, cordéis e poesias, músicas e outras que retratem os tipos de violência e como podemos evitá-las.
- Vivenciar brincadeiras e jogos que possam auxiliar no processo de diminuição da violência escolar, ao longo do ano tais como:

PROPOSTAS DE BRINCADEIRAS A SEREM VIVENCIADAS NA SALA E NO RECREIO DOS GRUPOS V:

1º Somos todos vencedores

Valores trabalhados: solidariedade, ajuda.

Regras da brincadeira:

1. Todos devem pensar em uma solução para que todos sejam salvos na ilha;
2. Não pode empurrar o colega nem machuca-lo;

Marcar uma pequena área no chão com uma cor, ou um contorno. Esta área é uma ilha e fora da ilha é o mar. Os participantes são os nadadores que precisam alcançá-la para serem salvos.

O objetivo do jogo é encontrar uma solução que permita salvar o maior número possível de nadadores fazendo com que todos cheguem à ilha e, para isso, é necessário que nenhuma parte do corpo dos participantes esteja fora do círculo, ou seja, na água.

OBS. Com um giz pode-se ir reduzindo a área correspondente à ilha e ir repetindo o jogo.

2º Dança das almofadas

Valores trabalhados: interação, generosidade, solidariedade, amizade.

Regra da brincadeira:

1. Nenhuma criança pode ficar fora da almofada.
2. Nesta brincadeira ninguém sai.

Antes de iniciar a brincadeira, as almofadas devem estar alinhadas, uma ao lado da outra, formando um círculo. Coloque a música e peça às crianças que andem ao redor das almofadas. Quando a música for interrompida, elas devem sentar-se sobre elas. Quem ficar sem lugar, deve sentar-se com outra criança compartilhando a mesma almofada. Com o tempo algumas almofadas serão retiradas e todas devem sentar juntas.

3º Morto-vivo

Valores trabalhados: Concentração, confiança e atenção às regras. (Nesta brincadeira o professor deve refletir também com as crianças acerca de ganhar e perder entendendo que a brincadeira é uma diversão).

Regras da brincadeira:

1. Não pode empurrar o colega;
2. Deve respeitar os comandos;

As crianças deverão ficar lado a lado e, de frente para a pessoa que estará sentada dando o comando da brincadeira. A pessoa que está sentada dará o comando em alta voz, ou seja, bem alto: Morto! Para todos se abaixarem e Vivo! para se levantarem. Quem errar sai da brincadeira. O vencedor é aquele que ficar por último.

4º Passe a bola não deixe cair

Valores trabalhados: Atenção, Confiança, cooperação.

As crianças sentadas devem formar um círculo fechado e entregar a bola para o outro amigo com os pés suspensos, sem deixar a bola cair no chão, se cair a bola, volta começa tudo de novo.

Regras do jogo:

1. Não deixar a bola cair
2. Só passar a bola com pés, não usar as mãos ou a brincadeira começará novamente.

5º Passar o Anel

Valores trabalhados: Atenção, controle emocional, integração entre as crianças

Regra da brincadeira:

1. O anel deve passar na mão de todos.
2. Só pode falar com quem está no anel a pessoa escolhida.

As crianças sentadas na calçada, com as mãos fechadas. O professor começa a passar passa-lo fingindo que vai deixa-lo na mão de alguém, e solta sem que ambos desconfiem, no final escolhe-se uma criança e pergunta ONDE ESTÁ O ANEL? Se esta acertar ela é quem passa o anel.

6º Cantigas de Roda, parlendas.

Valores trabalhados: cooperação e integração das crianças.

7º Amarelinha, 8º pular corda. Valores trabalhados: Paciência, autocontrole em esperar a sua vez, respeitar a fila.

9º Expressão de amizade

Valores trabalhados: Amizade, Carinho.

Forma-se um círculo. Quem começa, olha para o colega da direita e diz amo o meu colega com A, porque ele é... (e diz um adjetivo que comece com a letra A). A jogo prossegue com todas as letras do alfabeto.

10º Cantar e encenar músicas como por exemplo **Viva a amizade** Daiane Cerencovich (TU TU TUBARÃO)

Valores trabalhados: Amizade, Carinho, respeito ao próximo.

11º A caneta na garrafa

Valores trabalhados: cooperação, ajuda, confiança.

Objetivo: colocar a caneta dentro da garrafa apenas segurando nas pontas dos cordões.

Dimensão do grupo: entre 8 e 16 participantes;

Materiais necessários e instruções: uma caneta, uma garrafa vazia, um rolo de cordão; Cortar o cordão em tamanhos de mais ou menos três metros amarrando-os no centro com uma caneta pendurada com mais ou menos 20 Cm de cordão. Obs.: o tamanho dos cordões e a distância influem diretamente no grau de dificuldade.

Os participantes fazem um círculo e no meio será colocada uma garrafa vazia. Cada participante segura na ponta de um cordão que estará ligado a uma caneta no centro e aos outros cordões serão distribuídos em outras direções para os colegas do grupo que irão segurar nas outras pontas opostas.

Regras da brincadeira:

- 1- Cada criança só poderá segurar uma ponta do barbante.
- 2- Todos juntos deveram tomar a decisão de que estratégia será usada para alcançar o objetivo da brincadeira.

12º EU GOSTO DE VOCÊ

Valores: respeito, autocontrole, atenção

Objetivo Comum: Alternar a liderança e estimular a integração e educação emocional.

Participação: Espaço amplo. Recursos: - Cadeiras (ou arcos ou folhas de jornal).

Tempo: - 15 a 20 minutos

Desenvolvimento: Começamos com todos (menos 1) sentados em círculos com as cadeiras. Aquele 1 separado iniciará sendo o líder, ficando no centro e voltando-se para uma pessoa e dizendo: Fulano, eu gosto de você. O outro pergunta: Por quê? E a pessoa do centro responde, por exemplo: Porque você está usando brincos. Quem estiver usando brincos trocará de lugar rapidamente, enquanto quem estava no centro procura um lugar para sentar. Quem não conseguir uma cadeira, ficará no centro e reiniciará o jogo.

Toques: Chamar a atenção para o “Eu gosto de você porque você é assim”: - Estimular respostas como: Porque você é inteligente, bonito(a), especial, dança bem, etc. - O exercício da liderança circular está muito presente. - A “sobra” (aquele que erra ou vacila) não é excluída como nos jogos mais conhecidos, mas sim, reconhecida por ser parte do grupo e simplesmente passa a ser o líder. - Aprender a rir dos próprios erros e passar a aceitá-los com menos peso é uma prática que pode ajudar a olhar diferente para si mesmo e para os outros.

13 ºLençobol

Valores: confiança, ajuda, interação.

Objetivo: é que todos têm de segurar o lençol e fazer com que a bola entre no cesto.

Com um lençol a professora explicará que cada criança ajudara a segurar o lençol e terão que achar uma solução para aquela situação.

Regra da brincadeira:

- 1- Cada criança ficar em uma ponta do lençol
- 2- As decisões deveram ter o consentimento de todos que estão brincando.

Público Alvo do projeto: professores, gestão escolar, funcionários estudantes, pais e comunidade.

Cronograma: Desenvolver estas ações durante todo o ano letivo.

Avaliações: Ocorrerão durante todo o projeto, revendo sempre que necessárias mudanças permanências o que deu e o que não deu certo.

Imagens de algumas brincadeiras

Da esquerda para a direita, a primeira imagem é da brincadeira “Lençol” e a segunda “A caneta na garrafa”.

